

COM O OUTRO A MEU LADO *algumas idéias de tempos remotos e atuais para pensar a partilha do saber e a educação de hoje*

Carlos Rodrigues Brandão



***Este escrito foi originalmente
um capítulo de livro
ou um artigo publicado ou utilizado
para aulas e palestras.
Nesta versão “nas nuvens”
ele pode ser livre
e gratuitamente acessado
para ser lido ou utilizado
de alguma outra maneira.
Livros e outros escritos meus
podem de igual maneira
ser acessados livremente em
www.apartilhadavida.com.br
ou em
www.sitiodarosadosventos.com.br
LIVRO LIVRE***

Melhor: compreendi que a ternura era o melhor da vida. O resto não vale nada. Não é por a esmola da velha do Evangelho ser dada com sacrifício que é mais aceita no céu que o ouro do rico – é por ser dada com ternura. O importante é a comunicação de alma para alma. A mão que aperta a nossa mão, o sorriso que nos acolhe, desvendam-nos um mundo. Às vezes é um nada que nos faz refletir, é o momento, é uma figura que nos entra pela porta dentro e de quem nos sentimos logo irmãos.

Se tivesse que recomeçar a vida

Raul Brandão

Porque isto, escrito desta maneira

Para não misturarmos no mesmo saco bananas, maracujás, caquis e caju em um mesmo saco, sob o rótulo genérico: “frutas tropicais”, proponho estabelecer aqui uma diferença que as linhas a seguir tornarão justificada. Ela nada tem de novo, mas a maneira como uma palavra (e os seus sentidos claros e ocultos) e a outra (idem) são, não raro, mesclados e confundidos, torna a meu ver necessário retornar às suas diferenças.

Uma coisa é *educação*. Outra é *capacitação*. A educação pode e deve conter ingredientes funcionais de capacitação. Mas esta última pode ser exercida, e o é com freqüência, sem alçar-se ao que é essencial na educação: a formação da pessoa humana, para além da instrumentalização competente do indivíduo capaz. Em tempos em que uma vaga e invasora “cultura de mercado” ameaça colonizar tempos e espaços cada vez mais íntimos e identitários, pessoais, interativos e sociais da vida cotidiana, quero fundar o que escrevo aqui na idéia de que uma tarefa sempre urgente, a ainda mais agora, é opor a uma funcionalização redutora da educação escolar e de outras dimensões e alternativas em que ela pode ser culturalmente criada e estendida, uma ou algumas propostas de uma educação tão realística e utopicamente diversa quanto possível. Uma educação a tal ponto assumidamente integral e humanista (a começar por não temer estes dois termos aparentemente “fora de moda” que parta do princípio de que a sua vocação (bem

mais do que a sua “função social”) é criar sábios solidários em lugar de sabedores espertos e individualistas. É recuperar o que em outros tempos ora chamávamos de consciência crítica, ora de vida interior. É fazer circular entre redes de *entre-nós* - de pessoas vocacionadas ao dom, à troca, à reciprocidade e à partilha generosa - a experiência do criar saberes e sentidos através dos quais valha a pena aprender algo. Realizar esta aventura da mente e do coração, ao invés de apenas reproduzir sujeitos centrados em um crescente *mim-mesmo*, e condicionados a acumular informações e conhecimentos utilitários, através dos quais uma pessoa social se transforma em um indivíduo-de-mercado. Isto é, uma impessoal mercadoria residualmente humana e (ela bem sabe) tão descartável quanto uma outra qualquer.

Viver o saber como diálogo e partilha

A longa trajetória de nossa hominização (ainda e sempre inacabada) trouxe-nos a um momento em que podemos ousar pensar, aprender a saber, reciprocizar significados e, assim, assumirmos a mais essencial vocação humana: transformar o saber aprendido em pensamentos e práticas em que o próprio saber se realize como a partilha da liberdade.

E nesta direção que busco alargar aqui a limites mais ousados a idéia de *diálogo*, não apenas na prática da educação, mas também em outros momentos e cenários de diferentes práticas sociais com que convivemos com outros e compartilamos com eles a própria vida, em diversas situações do que chamarei aqui um momento de *entre-nós*.

Recordemos a trilogia revisitada por Bernard Charlot. Sigamos dela em diante.

O que ocorre em um momento de um processo de ensinar-e-aprender, está em que uma e outras pessoas estão situadas no interior e nos limites de situações e de contextos interativos de trocas. Ensinar e aprender é reciprocizar, antes de mais nada. Seus sujeitos, atores-autores, estão situados em pontos equivalentes, portanto não desiguais, embora diferentes de relações interativas de intercâmbio *de* e *entre* saberes, sentidos e significados. Algo nunca contido em uma “pessoa que sabe”, em detrimento das “que não sabem”, mas justamente no intervalo das fronteiras dos diferentes participantes ensinantes-aprendentes de saberes. Assim, o saber de que participamos sem possuir, existe em um sempre “entre-nós” como algo que está a todo o momento presente e em movimento: a) no mundo interior de cada pessoa envolvida em uma relação de ensino-aprendizagem; b) no interior do sistema interativo realizado naquele momento entre elas; c) no interior de um

sistema igualmente presente e interativo, entre elas e o entorno natural e social do lugar e do momento cultural que compartilhem.

Os verbos que entre nós qualificam o acontecer do ato de educar nos são bem conhecidos. Eles vão de *instrumentalizar a formar*, passando por: *capacitar, desenvolver competências, adaptar, reciclar, preparar, instruir, conscientizar, educar*. No entanto, ao longo da ponte que separa-e-une o instruir e o educar, ou o capacitar e o formar, permanece muitas vezes uma compreensão da educação como uma oferta uni-dirigida de informações-e-conhecimentos, que tornam o aprender uma aquisição acumulativa de conteúdos ensinados e, quando aprendido, retidos na memória de quem “aprendeu”.

O que foi escrito até aqui sonha servir a trazer à volta de nosso círculo de diálogos, o “outro lado” do trabalho de ensinar, associado ao trabalho de aprender. Se quisermos ser coerentes por inteiro com as idéias que nos chegam anunciadas menos pelo teor de paradigmas emergentes nas ciências e na educação e, mais ainda, pelas mãos das práticas sociais populares, penso que devemos ousar repensar não apenas alguns focos pedagógicos casuais, mas todo o sentido do ofício de aprender.

Ele pode ser pensado como “aquisição”, como “apropriação legítima”, como “interação e interação” de informações-conhecimentos-saberes destinados a algum fim determinado. Ele pode e deveria ser também imaginado como o exercício humano do alargamento do diálogo. Ou seja, como um dos mais confiáveis caminhos do próprio sentido do que imaginamos ser a vocação humana: aprender a saber e reciprocizar o sabido. Um alçarmo-nos juntos e em partilha a planos cada vez mais densos, mais complexos, mais diferenciados, mais conectivos, mais recíprocos e, portanto, mais dialógicos de intertrocas de saberes e de sentidos.

Mais do que possuir, interligar e acumular conhecimentos ao aprender o que eu não sabia e agora penso que sei, estendo em mim e através de mim teias de reciprocidades que me tornam presente e participante em/de círculos de saberes/sentidos. E não pelo que eu possuo, pois aprendo saberes que não são meus e nem se tornam meus, mas, que, existindo e fluindo entre-nós, passam por mim e viajam entre teias e redes de partícipes, através também de mim.

Educadores são aqueles que mais do que ensinar-o-que-não-se-sabe, criam os cenários de reciprocidades que fazem fluir entre comunidades aprendentes de/entre pessoas, o saber que, antes de ser apropriado individualmente, existe e flui para ser coletivamente construído e compartilhado. O educador é um elo de reciprocidades, um profissional especializado em não permitir que aquilo que deve

ser conhecido como um saber, fique restrito a esferas restritas de “senhores do conhecido”.

Por isso mesmo há algo de sempre transgressivo no ato de educar. Pois a experiência da educação é, em sua vocação mais singular, a aventura de criar múltiplas situações em que algo porventura condenado a ser uma posse exclusiva e excludente, como um valor no mercado do conhecimento, uma apropriação hierarquizante (eu valho pelo saber que demonstro possuir, quando comparado com outros), um domínio que “agrega valor” a quem se assenhora dele - venha a se tornar de forma contínua e crescente, um dom de troca.

Entre o final dos anos cinquenta e os primeiros anos da década dos sessenta, vivemos um tempo de grandes e fecundas inovações na educação. Entre as mais diferentes direções começamos a compreender que para dizer algo às pessoas de seu tempo e para acompanhar todo um esforço de efetiva democratização ética e política, a *educação* deveria mudar não apenas alguns conteúdos e grades curriculares, mas a própria intimidade de suas estruturas e de seus processos. A mesma coisa vinha acontecendo em outros campos das relações humanas, da terapia à dinâmica dos grupos e dela às ações sociais em comunidades populares.

“Educação humanista”, “pedagogia crítica”, “ensino centrado no aluno”, “educação permanente”, “educação libertadora”, “educação e direitos humanos”, “educação e desenvolvimento humano”, “educação popular” são alguns nomes entre vários outros nomes que traduzem a passagem de uma egopedagogia centrada no ensinar, para uma ecopedagogia centrada no aprender. A passagem de uma educação destinada à transmissão direta e memorizável de conteúdos de ensino para uma educação re-centrada em processos de aprendizagem.

Relembro que Paulo Freire cria a expressão “educação bancária” para fazer a crítica de um ensino fundado na figura do professor competente, autoritário e disciplinador, diante de uma “turma de alunos” passiva, ouvinte, repetitiva e disciplinada a força, e continuamente mensurada e hierarquizada. Uma instrução em que quem sabe-e-ensina transfere conhecimentos para quem não sabe-e-aprende. Uma educação descolada da realidade do mundo e que era exercida e que, por conseqüência, preparava indivíduos competentes para adaptarem-se produtivamente à sua sociedade, ao invés de buscarem formar pessoas conscientes capazes de criativamente transformarem o mundo em que viviam.

O fundamento das idéias que Paulo Freire partilhou com educadoras e educadores de todo o mundo, estava em algo muito simples. Estava na *descoberta do outro*. Em primeiro lugar, um outro pessoal, singular. A pessoa única, original e irrepitível da menina ou do rapaz que, como meus estudantes, tenho diante de

mim em algo que pode ser uma sala de aulas ou uma turma de alunos. Mas que pode ser também uma comunidade aprendente.

Sejam eles quem forem, são pessoas humanas a serem formadas a partir de si-mesmos, de dentro para fora, e de acordo com suas vocações individuais. Pois cada pessoa é uma fonte única de vida, de sentimentos, de sentidos de vida e de saberes. Tudo o que posso fazer como uma-pessoa-que-educa, é colocar-me ao seu lado e dialogar com ela. Trocar vivências, afetos e saberes. E, assim, partilhar com ela e entre-nós, a experiência dialógica, inclusiva, solidariamente interativa, de compartilhar a criação de saberes a partir dos quais ela-e-eu, cada um a seu modo, realiza um momento sempre provisório de seu *aprender*.

Aqueles a quem nos dirigimos enquanto educadores são pessoas como nós, e estão diante de nós para aprender a saber, porque são diferentes de nós. O intervalo entre as nossas diferenças temeste nome: educação. São crianças e são jovens, às vezes adultos e idosos que mesmo quando ainda muito pequenas, chegam a nós empapados de vivências e saberes. São João ou Maria, crianças pobres de uma periferia da cidade. Mas são também uma dimensão pessoal de seus mundos de vida. Mal sabem falar diante de nós e ainda não sabem ler-escrever, mas são já sujeitos sociais, identidades pessoais, culturais e étnicas. São em suas comunidades atores culturais e, como tais, são também pequenos criadores populares de cultura. Seres através de quem uma cultura ou uma fração diferencial de uma cultura é realizada e dada a ser vista e trabalhada.

Descobrimos na aurora dos anos sessenta primeiro o outro, o sujeito e a subjetividade, na educação, onde antes víamos apenas um nome impessoal, um número de matrícula, um “caso a trabalhar”, um alguém logo a seguir classificável como “bom” ou “mau” aluno e, daí em diante, tratado através de seus rótulos. Estamos aprendendo agora e pouco a pouco, a lidar com a inteireza do sujeito desta “subjetividade”. Estamos aprendendo a perder o temor de sermos menos confiáveis por estarmos sendo mais pessoais no modo como trabalhamos, inclusive quando no nos colocarmos ativamente ao lado de “nossos alunos” e partilharmos com eles o que acentua as nossas diferenças e minimiza as nossas desigualdades.

Pois este é um dos realistas milagres da experiência do ser educador. Vivemos todos os dias a possibilidade de um dos encontros mais profundos e verdadeiros entre duas pessoas humanas: o diálogo entre dois atores/autores de algo mais importante – porque mais humano – do que os grandes feitos deste ou daquele herói que ainda teimamos em lembrar em nossas aulas de história. O inaugurar diário de um encontro Eu-e-Tu; uma professora e um estudante em uma

sala-de-aula pode abrigar uma turma de alunos, um círculo de cultura ou uma comunidade aprendente.

A não ser que eu trabalhe em uma unidade de ação social ou em uma escola situada em meu bairro e que acolhe pessoas e estudantes “da mesma classe que eu”, na maior parte das ocasiões estamos diante de pessoas que não sendo de algum modo “como nós”, são também a medida visível de nossas diferenças culturais e, infelizmente, também de nossas desigualdades sociais. Não moramos no mesmo bairro e nem as nossas roupas são as mesmas. Nossos salários podem até não ser muito diversos dos de seus pais, desiguais, mas os nossos modos de vida cotidiana são bem outros. E é nas chamadas “diferenças culturais” que nos acostumamos a ver o que nos torna - em uma sociedade dual e excludente como a nossa - desiguais. Falamos a mesma língua, mas não do mesmo modo e é provável que a biblioteca de minha casa tenha mais livros do que as de todas as casas da comunidade de acolhida de minha escola.

O hoje velho nome: “círculo de cultura”, que almejava substituir a turma-de-alunos, foi entre nós bem o símbolo de uma nova consciência pedagógica. A de que o saber essencial das diferentes culturas que entram em contato e se comunicam, não é hierarquicamente *desigual*. Ele é socialmente diferente. O mesmo que reconhecemos para o caso de uma pessoa, cada pessoa com quem entramos em relação, reconhecemos para um grupo humano e sua cultura. Um e a outra são fontes originais de saber e sentido. Podem entrar em diálogo comigo, meu modo de ser e minha cultura. Mas de modo algum podem, por meio de qualquer tipo de ação pedagógica ou social, serem “reduzidos” a mim, ao meu modo de ser, de pensar, de sentir, de fazer circular o saber, de criar - porque são outros que não eu, mas comigo sujeitos de um mesmo círculo interativo de atores-autores de um “entre-nós” - no que crêem e não no que creio.

Educando quem, para qual mundo?

Temos perguntas, e elas são muitas.

Existe ainda uma história humana a ser por nós construída e interpretada? Ou é ela uma ilusão ideológica cujo acontecer a líquida fragmentação que a lógica do mercado atribui a tudo e a todos, aos poucos se mostra irrealizável e até mesmo incompreensível por e entre nós? Existimos ainda como pessoas, seres humanos em sua irreduzível identidade e em sua solidária reciprocidade? Somos ainda sujeitos de nossas vidas, de nosso destino e de nossas histórias coletivas? Ou seremos apenas pontos de conexões a serviço de redes impessoalizadas de poder e de interesse financeiro cuja lógica nos escapa, embora em cujas ilusória

imagens a respeito de nós mesmos nos enredamos e iludimos? Existem ainda políticas, éticas e estéticas de afirmação do que deveria ser a dimensão mais verdadeira de nossa própria experiência como seres vivos, sociais e reflexivos na Terra? Existirá ainda um caminho que não aquele, sinuosa ou abertamente proclamado, por mensagens que transformam pessoas em personagens (o culto midiático da celebridade), sujeitos sociais em produtores e consumidores de uma sociedade reduzida ao imaginário pragmático e utilitário do mercado? Poderiam as diferentes experiências do ensinar-e-aprender, como alguma forma de educação, escaparem do controle de mentes e de corações e retomarem o um caminho contrário àquele a que parecem estar sendo dirigidas, de maneira aparentemente inevitável?

Estaremos vivendo a continuidade de um processo irreversível de uma globalizante instrumentalização utilitária do ser e do viver, do pensar e do agir? Estaremos sendo cada vez mais induzidas a uma de vida de pessoas exiladas da condição de sujeitos de suas existências e de seus mundos sociais, e conduzidas à condição de objetos de círculos múltiplos de interesse e de poder bastante típicos do que podemos resumir aqui como “o mundo dos negócios”?

Mesmo contra a nossa vontade, estaremos nos colocando, ou sendo por outros identificados, classificados e colocados em sociedades a cada momento mais e mais regidas pelos princípios do mercado, como seres que “valem” uns para os outros, uns contra os outros, bem mais pelo que produzem e consomem do que pelo que são e sonham? Estaremos sendo condicionados a aprender-e-ensinar uns aos outros os contra-valores a uma vocação cultural à reciprocidade, à uma amorosa co-reponsabilidade na gestão de nossas vidas e destinos, e à partilha de quem somos, sabemos, criamos e fazemos? Estaremos nos deixando levar não somente pela mídia, mas por uma educação de mercado que de forma cada vez mais clara e direta opera em favor da instrumentalização de atores sociais competentes-competitivos, em lugar de dedicar-se à formação de pessoas conscientes-cooperativas? Teremos chegado a um tal ponto que até mesmo o sugerir estas questões possa parecer aos olhos e ao imaginário de educadores e cientistas “realistas”, como algo irracional, ou algo ilusoriamente situado fora do tempo?

A suposição de que possivelmente vivamos um tempo de história para além da história, a mesma que Hannah Arendt lembra que mal conseguimos compreender, quanto mais conduzir segundo nossas próprias vontades, associa-se à crescente desconfiança de que as macro-utopias – sobretudo as que apontam em direção a uma humanidade socialista – parecem dar lugar a um vazio

de ousadia utópica e a coragem de educar para transformar, tanto pessoas quanto sociedades.

E no interior de um mundo que multiplica riquezas que cada vez mais se concentra em poucas mãos e reduplica excluídos; diante de uma a cada dia mais hegemônica – embora interiormente frágil e fragmentada – ideologia neo-liberal do mercado que por toda a parte apregoa, entre a educação e a mídia, o futuro do mundo a ser inevitavelmente entregue a competentes-competitivos pode parecer inútil ou indolente qualquer imaginário que ouse proclamar, para além da possibilidade nunca realizada de “reforma do sistema” (entre uma crise global e outra, sucessivas e devastadoras) a construção partilhada de um “outro mundo possível”. Já que entre o socialismo real e tantas alternativas de ruptura parecem estar sempre esgotadas todo o repertório e o pequeno poder transformador de projetos populares, algo parece sugerir que nada resta a fazer a não ser subordinar-se ao modelo vigente e sobreviver às crises do estágio atual do capitalismo, ensinando aos passageiros de um navio que adiante deverá afundar, a aproveitarem a viagem por enquanto. Se possível no andar da primeira classe e não muito distantes de botes e de coletes salva-vidas.

Enfrentamos um tempo de história humana em que um sistema econômico toma posse progressiva de sistemas de comunicação de massa e da própria educação e exerce um poder de comunicação sobre dimensões nunca antes tão invadidas de nossas vidas. Um simples olhar à maioria dos livros que constituem – entre sugestões práticas sobre como “vencer na vida”, isto é, ser bem sucedido no mundo dos negócios e ilusórios e digeríveis receituários de auto-ajuda, que constituem boa parte dos livros “best seller” - ao lado do que a imensa maior parte das revistas de grande público propagandeia nas bancas de jornal, para termos uma visão mais do que evidente sobre como praticamente todas as áreas de nossas experiências (do que se faz na cama a só ou em dois, ao que se faz na mesa e na vida, entre vários – estão sendo receitadas de forma casa vez mais impositiva e invasiva).

A um exagerado foco sobre “celebridades” efêmeras, como os personagens de um “reality show”, enquanto ele dura, ou mais constantes, como Maytê Proença, Paulo Coelho ou Kafka, corresponde todo um processo de impessoalização sobretudo das pessoas que desaparecem da cena da sociedade de consumo, justamente porque somem do único lugar em que ela empresta alguma visibilidade a um ser humano: o mercado¹. Em uma sociedade de sujeitos,

¹ Todas as vezes que abro meu provedor de e-mail, ele me recebe com a listagem diária das “celebridades mais procuradas” naquele dia. O fato de que eu desconheça ou conheça muito pouco a respeito delas deve indicar que

interações, identidades e visibilidades regidas pelo estado líquido e transitório com que tudo pode emergir e desaparecer, tal como o que as vitrines das lojas nos apresentam a cada semana, são também pessoas e categorias de sujeitos sociais que são colocados dentro ou fora do que merece ser visto, levado em conta, isto é, contabilizado, na linguagem do sistema.

O único personagem que os teóricos consideram merecedor de atenção, porque é a ele que se atribui o mérito de “manter a economia em movimento” e de lubrificar as rodas do crescimento econômico, é o homo oeconomicus – o ator econômico solitário, auto-referente e autocentrado que persegue o melhor ideal se guia pela “escolha racional”, preocupado em não cair nas garras de quaisquer emoções que resistam a ser traduzidas em ganhos monetários e vivendo num mundo cheio de outras personagens que compartilham todas essas virtudes, e nada além. O único personagem que os praticantes do mercado podem e querem reconhecer e acolher é o homo consumens, o solitário, auto-referente e auto centrado comprador que adotou a busca pela melhor barganha como uma cura para a solidão e não conhece outra terapia; um personagem para quem o enxame de clientes do shopping center é a única comunidade conhecida e necessária e que vive num mundo povoado por outros personagens que compartilham essas virtudes com ele, e nada além².

A dimensão da utopia

A idéia central presente em tantos estudos renovadores a respeito de uma ainda controversa questão, é a de que apesar de tudo o que sugere o seu oposto, estamos vivendo agora um tempo de uma crescente descoberta de novas formas de pensar, de criar conhecimentos através de novas interações, integrações e indeterminações de/entre ciências, filosofias, artes, espiritualidades e também das tradições ancestrais, indígenas e populares. E de, através de tudo isto, realizado

progressivamente estou me tornando “um alguém fora de moda”. Espero que isto signifique “um alguém que ainda tem salvação”.

² Está na página 89, de **Amor líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos**, do sociólogo polonês Zigmunt Bauman

como educação, de formar pessoas capazes de se lançarem ao caminho da busca de “um outro mundo possível”.

O que nós, os seres humanos do momento presente podemos produzir e criar com novas interações de saberes torna-se a cada dia algo compreendido como de um alcance inacabável e inimaginável. Se houver tempo de a vida humana reproduzir-se e evoluir - mesmo que entre idas e vindas, guerras e paz - o planeta Terra ao longo de milênios de milhões de anos, podemos imaginar que de agora em direção a séculos vindouros e novos milênios, a aventura humana de partilha solidária de saberes poderá tomar a direção de uma compreensão de profunda harmonia entre todas as coisas – pessoas e sociedades humanas incluídas – e o todo de que tudo é parte.

Este poderia vir a ser o caminho da realização do saber como plena humanização e consagração da experiência humana como uma fecunda e assumida partilha do próprio mistério da vida. O que o nós podemos com o bom uso de nossos aprendizados e de nossos conhecimentos, representa nada menos do que a construção de um mundo de solidariedade, de justiça, de igualdade, Enfim, da partilha entre todas as pessoas e povos daquilo que deveria ser o dom mais bem distribuído entre todas e todos nós: a felicidade.

Devemos compreender que se o saber existe e se recria a cada momento entre-nós, é justamente a sua partilha o que nos torna humanos. O saber, a emoção e a busca sem limites de sentidos e de significados para nós mesmos, para os mundos que criamos, para a vida e o universo, eis o que nos torna pessoas humanas e sempre mais humanizáveis, como seres do diálogo e da reciprocidade. Eis os termos em que o próprio conhecimento e todas as alternativas culturais de sua recriação, para além de critérios apenas epistemológicos, só fazem sentido quando representam alguma forma de trabalho dialógico e destinado ao compartilhar “crescendos” de compreensão da vida e da felicidade na vida.

Devolvidas a comunidades humanas regidas pelo direito à diferença, à escolha livre e à reciprocidade responsável, a ciência, a pesquisa e a educação aspiram serem confiáveis, efêmeras e duráveis, únicas e plurais. Aspiram multiplicar atores e autores, ampliar cenários de circulação criativa do saber entre círculos do dom e da troca. O que é o exato oposto dos circuitos sociais do ganho, da posse e do poder. Aspiram a uma multiplicidade convergente das diferenças. E sonham tempos de novas integrações entre os diversos campos e domínios das ciências (as da natureza, da vida, da pessoa e da sociedade) e novas (ou a redescoberta das antigas) interações entre o saber científico e outras esferas de conhecimento e de sensibilidade. Esferas do saber como as das artes, das

espiritualidades, da filosofia e das tradições populares. Aquelas que adiante nos esperam com o nome de “conhecimento do senso comum”.

Uma educação para formar pessoas criadoras de um novo mundo humanizado

Por aparentemente limitado que seja qualquer trabalho de uma pessoa dedicada a educar, fazendo interagirem saberes e valores entre pessoas, que quem educa deve orientar, um tal ofício do conhecimento não deve aspirar menos do que somar-se a todo o fluxo de criação e de estabelecimento do primado da harmonia entre pessoas e entre povos através, também, do saber.

E o grande desafio de nosso tempo presente é que vemos diante de nós, a educação podendo tomar um rumo ou o outro. Sabemos que é desumano o que podemos como educadores criar e fazer circular como conhecimento e como valor, quando o pensamento que poderia gerar o dom da partilha e a compreensão da paz, ajuda a gerar sentimentos e valores fundados no desejo do poder, da cobiça e do primado da lógica do interesse instrumental e do mercado sobre a vocação de uma ética da comunicação amorosa entre pessoas e povos. Todo o saber gerador do mal que, após haver extinguido o direito humano à compreensão e à felicidade, pretenderá também as condições de reprodução da vida na Terra, precisa ter como contraparte uma vocação de estudo, de ensino e de aprendizagem de saberes e de sentidos e valores que venham a ser o seu exato de um desvio utilitário e meramente instrumental da educação.

Destinada a pessoas humanas no singular e no plural, bem mais do que ao mercado de bens e de serviços ou mesmo a um poder de estado, a educação não é uma atividade provisória e antecipadamente calculável segundo princípios de uma utilidade instrumental. A educação é uma experiência socialmente perene e pessoalmente permanente de cada um de seus sujeitos: pessoas e povos. Assim sendo, o seu sentido é mais o de recriar continuamente comunidades aprendentes geradoras de novos saberes e, de maneira crescente e sem limites, abertas ao diálogo e à intercomunicação. A educação não gera habilidades, ela cria conectividades. E o que possa haver de necessariamente instrumental e utilitário nela é apenas a sua dimensão mais elementar. É como um alicerce sobre o qual se pisa ao andar e acima do qual resta construir toda a *casa do ser*.

Ainda que represente uma escolha de saberes, e de valores entre outras, a educação não pode pré-estabelecer de maneira restrita “modelos de pessoas”. Não pode pré-criar “padrões de sujeitos” como atores sociais antecipados e treinados para realizarem, individual e coletivamente, um estilo social de ser. Só é

humano o que é imprevisível, e toda a educação que humaniza trabalha sobre as suas incertezas a respeito não tanto dos seus princípios, mas do destino daqueles a quem educa. Considerada como uma prática social destinada a gerar interações de criação do saber através de aprendizagens onde o diálogo livre e solidário é a origem e o destino do que se vive e do que se aprende, a educação deve começar por tornar os educandos progressivamente co-autores dos fundamentos dos processos pedagógicos e da construção das finalidades do próprio aprender.

Pela mesma razão, a educação deve formar pessoas livres e criativas o bastante para se reconhecerem co-responsáveis pelas suas próprias escolhas. Inclusive aquelas que, fruto do diálogo com os educadores, sejam diversas ou mesmo opostas às deles.

Convivemos com palavras antigas, revestidas algumas delas, ao se unirem, de novos sentidos, de rumos a outros horizontes. Retomo algumas delas: *cidade educadora, educação emancipadora, simplicidade voluntária, cidadania ativa, auto-gestão, economia solidária, empoderamento popular, felicidade interna bruta*. Acreditando nele ou não, talvez estejamos vivendo hoje um momento de redes de redescoberta da reciprocidade, da formação de cooperativas de trabalho e de troca de bens, da formação de novas teias de afeto e saber, de novas conexões de pessoas e de associações livres de pessoas que, entre os mais distantes pontos do planeta, retomam e buscam reinventar a idéia de que a criação, passo a passo, de outras formas de ser e viver é possível.

Talvez também estejamos recriando para os nossos dias ações de pequena, média e mesmo grande escala que realizam aqui e ali o suposto de que somos nós, os seres humanos da vida de todos os dias, aqueles a quem cabe a construção de nossas vidas, a direção de nossos destinos e a transformação do mundo onde vivemos uma e outro. Devemos não esquecer que uma coisa é o que fizeram de nós. E outra coisa é o que nós fazemos do que fizeram de nós.

Vivemos um difícil tempo de fortalecimento e da dispersão dos movimentos sociais resistentes aos e contestadores ativos dos interesses do mercado e do poder do Estado a ele subordinado. Este deve ser o momento de nos perguntarmos se não estamos maduros o bastante para incorporarmos o saber, a ciência, a tecnologia e a educação a essas redes de vida comunitária cujos sujeitos e elos são nada menos do que “nós mesmos”. Se este não é o momento de pensarmos o saber que se cria com o pensar que se vive através de se aprender a praticar a ciência, como um bem e um dom preciosos demais para estarem continuamente sob o controle de eternos “outros”, alheios à sua prática e senhores de seus resultados e proveitos. Aqueles para quem o saber, a ciência e a educação são, no seu limite, uma mercadoria como outra qualquer.

Podemos acreditar com os diversos inspiradores dos novos modelos de pensamento, dos paradigmas emergentes, que a razão de ser do pensamento e da ciência desta Era do Conhecimento não é mais, como uma prioridade, o criar através de experiências de alta competência e especialização, conhecimentos e saberes tão especiais e complexos, que se distanciem d ideal de virem a estabelecer redes de interlocução com círculos de pessoas cada vez mais amplos e ativamente criativos.

Podemos acreditar que todo o conhecimento competente não voltado ao diálogo entre saberes e entre diferentes criadores de saberes – inclusive os situados fora do campo das ciências acadêmicas e dos saberes autoproclamados como cultos e/ou eruditos – não tem mais valor do que o de sua própria solidão. Qualquer teoria científica é uma interpretação entre outras e vale pelo seu teor de diálogo, não pelo seu acúmulo de certezas. Todo o modelo de ciência fechado em si mesmo é uma experiência de pensamento fundamentalista, como o de qualquer religião ou qualquer outro sistema de sentido fanático.

Podemos acreditar, com Boaventura de Souza Santos que, ao contrário do que vimos acontecer ao longo dos últimos séculos, o modelo das ciências sociais não é uma cópia imperfeita das ciências naturais. As ciências da natureza aprendem a relativizar, a pluralizar compreensões, a subjetivar métodos e a descobrir e compreender através do diálogo entre leituras e, não, através de monólogos de certezas. Tomam, portanto, um como modelo de teoria e prática, a atualidade dos dilemas das ciências humanas. Isto não significa uma inversão de domínio, pois o sentido de domínio deve deixar de existir aqui. Significa que de um lado e do outro – até não existirem mais lados, como margens que separam – o avanço da compreensão está relacionado a um progressivo e irreversível abandono das variantes do positivismo científico e lógico, da redução da compreensão à experimentação e da experimentação à manipulação de sujeitos sobre objetos.

Podemos acreditar que a finalidade do conhecimento é também e principalmente a de produzir respostas às verdadeiras necessidades humanas. Podemos mesmo lembrar a idéia de Bertold Brecht, partilhada por tantas outras pessoas: a finalidade da ciência é aliviar a miséria da condição humana. Mas isto não significa que a ciência deva ser originalmente utilitária. Se existe uma utilidade fundamental da ciência ela está na criação e ampliação da compreensão humana a respeito dos e das integrações entre os mistérios da própria pessoa, do mundo em que ela vive, da vida em que ela e outros seres da vida se realizam e de

totalizações diferenciadas em que tudo isto existe e a que converge, sem perder dimensões de sua identidade.

Podemos defender a idéia de que assim como todas as outras práticas sociais, a ciência e a educação que sonhamos praticar e através das quais descobrir e ampliar *ad infinitum* sujeitos e campos sociais de diálogo criador e emancipatório, pretendem estar falando desde o lugar social da comunidade humana concreta e cotidiana. E pretendem se dirigir a comunidades humanas de criadores da vida de todos os dias e da história que esta vida múltipla entretece e escreve.

Podemos lembrar que a Paulo Freire sempre foi cara uma palavra hoje infelizmente meio fora de moda: *práxis*. Um pensar dialógico e crítico a respeito de uma realidade que uma ação reflexiva - ela própria o pensamento tornado atividade coletiva e subversivamente conseqüente - trata de transformar como e através de um processo inacabado e sempre actancial e reflexivamente aperfeiçoável ao longo da história humana. E a própria história deve tender a ser *práxis* cria e transforma.

Podemos imaginar e praticar uma educação cujo sentido seja o de recriar continuamente comunidades aprendentes geradoras de saberes e, de maneira crescente e sem limites, abertas ao diálogo e à intercomunicação. A educação não gera habilidades, ela cria conectividades, e o que há de instrumental e utilitário nelas é apenas a sua dimensão mais elementar. Um alicerce, um chão sobre o qual se pisa ao andar e acima do qual resta construir toda a casa do ser. Podemos estender os limites de cada sala de aula a todo um complexo e criativo sistema cultural de intertrocas de saberes, de sentidos, de sensibilidades e de sociabilidades, chamado *escola*. Podemos finalmente aprender a abrir as nossas escolas - elas mesmas pensadas e vividas como amplas comunidades aprendentes - a toda a sua *comunidade de acolhida*. O lugar social onde ela está e realiza o seu ofício de educar.

Podemos mais. Podemos estender este mesmo ofício a outras diferentes dimensões e as outros diversos cenários dos "lugares onde se vive" e, assim, tornar toda uma cidade um amplo campo não tanto de ensino", mas de novas e inesperadas formas de conviver entre saberes, símbolos e sentidos de vida.

Só é humano o que é imprevisível, e toda a educação que humaniza trabalha sobre as suas incertezas a respeito não tanto dos seus princípios, mas do destino daqueles a quem educa. Considerada como uma prática social destinada a gerar interações de criação do saber através de aprendizagens onde o diálogo livre e solidário é a origem e o destino do que se vive e do que se aprende, a educação deve começar por tornar os educandos progressivamente co-autores dos

fundamentos dos processos pedagógicos e da construção das finalidades do próprio aprender.

Podemos ousar pensar que o trabalho de quem educa deve objetivar ser um passo a mais no caminho da plenitude da realização humana. Deve ser alguma forma de compreensão mais alargada, mais profunda a respeito de algo não conhecido, imperfeitamente conhecido ou passível de ser, através de uma outra fração de conhecimento confiável e dialogável, incorporado a um “todo de compreensão” mais fecundo.

Mais fecundo como conhecimento integrado “a respeito de” e também como possibilidade de realização do conhecimento como um projeto de transformação de algo em alguma coisa melhor. Todo o bom saber transforma o que há no que pode haver. Todo o conhecimento de qualquer ciência voltada ao alargamento do diálogo e à criação de estruturas sociais e de processos interativos - econômicos, políticos, científicos, tecnológicos ou o que seja - sempre mais humanizadores, integra antes, de algum modo, sujeitos e objetos em um projeto de mudança em direção ao bem, ao belo e ao verdadeiro.

A que pode, no concreto do cotidiano, destinar-se a educação.

a escolha da simplicidade voluntária

Podemos recriar uma educação na contra-corrente da capacitação sistêmica do mercado. Uma educação ousadamente destinada a nos ensinar e aprender a repensarmos o sentido da posse e do uso dos bens da Terra em nossas vidas. Quando nos colocamos frente ao dilema de que, em termos gerais, a “humanidade” deve se dispor a modificar por completo o sistema de seus relacionamentos com a natureza, a começar por uma re-educação do consumo de bens, tendemos a pensar este dilema como algo tão planetário, tão universal, que não nos toca. Não se trata apenas de inserir algo sobre o meio ambiente e recheiar um currículo escolar de preceitos sobre “sustentabilidade”. É todo um universo simbólico, pessoal, interativo e social que precisa se re-escrito. Pois uma urgente transformação de nós mesmo e entre-nós não se limite à mudança aleatória de alguns hábitos. Ela implica o saber aprender a viver toda uma outra escolha de vida.

Creio que é chegado o momento de começarmos inovadoramente a aprender a rever a própria relação pobreza/riqueza. Repensar a *qualidade de vida*, como aquilo que eu posso materialmente adquirir e colocar em uso a meu favor, em nome de uma *vida de qualidade*, em termos do valor e do sentido que atribuo a

quem sou, a como vivo a minha vida e a como eu utilizo os bens materiais a meu alcance.

Em nome de nossos direitos pessoais e familiares a um certo padrão de conforto que a tecnologia e o mercado nos prometem, lutamos por “conquistar” um estilo de vida cujo padrão de consumo acaba sendo sempre superior ao das verdadeiras necessidades de uma vida humana digna e simples. Em direção oposta, pelo inteiro, a começar por pessoas e famílias do “Primeiro Mundo”, cresce um vigoroso questionamento ao fervor excitante de uma vida consumista e dedicada a trabalhar para acumular riquezas e acumular riquezas para consumisticamente acumular posses materiais. Pessoas e grupos humanos que começam colocar diante de si outras alternativas de assumir saberes e valores em que a gratuidade, a simplicidade assumida, a solidariedade e uma pessoalizada sustentabilidade constituem-se em apelos centrais que migram uma “ética de mimmesmo” para uma partilhada “política de nós todos”.

Seria um passo importante nesta direção uma educação humanizada que desse menor importância à ranquicização dos seus alunos (quem está no podium da escola e fora dele), à voragem do “primeiro lugar”, ao aluno-cliente de que a “escola se orgulha” em detrimento de todos os outros, em favor do crescimento partilhado de toda uma comunidade aprendente, bem mais educativamente cooperativa do que pedagogicamente competitiva.

Podemos aprender desde a casa e a escola adotar uma vida feliz e fecundamente muito mais simples e gratuita. Podemos viver escalas de consumo, de posse e de uso dos bens disponíveis bastante menores, sem perda nenhuma da verdadeira substância de uma vida de qualidade. Podemos aprender a rever por completo o sentido de nossas escolhas. Não para desejarmos a miséria e nem mesmo uma pobreza indesejável, mas uma vida simples e compartilhada que deveria orientar a nossa própria relação com o mundo do trabalho. De algum modo, o apelo antigo e atual no sentido de escolhermos estar com os despossuídos, com os excluídos e postos à margem, cujo número apenas aumenta aqui e por toda a parte, não deveria ser apenas uma distante opção política. Ele deve tender a ser uma escolha de vida.

Não se trata de renunciar a tudo e optar, entre Gandhi e Francisco de Assis, por uma vida doada, livre e realizada na e como pobreza, repito. Podemos aprender a pensar na escolha de uma reversão do eixo dos interesses e sentidos de vida em direção a uma partilha do modo de vida das incontáveis pessoas para quem um intervalo entre a simplicidade e a pobreza é a única opção viável. Podemos aprender a perguntar o que de fato cada um de nós precisa para viver, e

viver bem, na verdade, para que as outras pessoas possam também viver, tanto quanto nós, uma vida menos triste e menos à margem.

Estamos a tal ponto empapados de símbolos e de valores poderosamente mercantis e consumistas em favor de um ajustamento à realidade, de uma oportuna adaptação à vida social, e mesmo de tão desejável e ilusória harmonia de vida, que é difícil pensar em qualquer projeto de realização pessoal que não ameace perverter o “pessoal” em “individualista”. E é mais difícil ainda imaginar qualquer projeto de uma vida plena e feliz que não seja também uma vida pelo menos confortável. E, bem sabemos, o conforto está no que se . E que se consome pode ser o equilíbrio viável e humano para uma feliz vida simples e compartilhada, e pode ser o desejo insaciável de conquistar mais, possuir mais e, portanto, consumir muito mais do que o que necessitamos para sermos simplesmente felizes.

O outro lado desta disposição que nos faz portadores individuais dos devaneios do mercado tem tudo a ver com o que foi escrito acima a respeito do diálogo. Linhas acima eu procurava pensar o diálogo não como uma espécie de boa ética da tolerância para com o meu outro e para com as suas idéias, mas como uma outra ontologia do modo de conviver com os saberes e os valores. Quando desloco o que sei e o que creio da lógica da posse e do ganho para uma sensibilidade do dom, do fluxo e da partilha, tudo em-mim e entre-nós se transforma. Deixo de viver o que aprendo como uma conquista ou um ganho; deixo de experimentar o que eu sei como uma posse, uma propriedade de símbolos, saberes e significados; deixo de desejar ser ou saber mais do que os outros, porque fora de um círculo igualitário de pessoas solidárias, tudo o que resta é a infeliz solidão do sucesso individual.

Não possuo para mim e meu uso exclusivo o conhecimento que adquiri, e nem me aproprio do saber que sei, mas o conhecimento que criamos juntos e o saber que compartimos flui entre-nós na mesma medida em que passa por mim e através de mim também.

Porque não pensar de igual maneira a respeito dos bens materiais que possuímos? Ou seja, aquilo dentre os recursos da natureza transformada em cultura, que por um momento convivem conosco, sob a guarda provisória de nossas pessoas e de nossa geração. Podemos escolher o tomar como fundamento de uma opção de vida este ensino que atravessa o imaginário das religiões, das espiritualidades e das filosofias mais humanistas: se eu quero ser dono do que possuo, o que eu possuo me domina. Dito de outra maneira: tudo o que me faz desejar ter rouba de mim a vocação a ser eu mesmo. O que eu possuo assina por mim o meu próprio nome e o espelho de cristal onde a minha vaidade quer ver

refletido o meu rosto, acaba sendo meu retrato mais fiel do que o meu próprio rosto.

Há todo um movimento universal de simplicidade voluntária. Pessoas, grupos e redes de participantes em todo o mundo se organizam e começam a ser escutados. Pode ser que tudo não passe de uma moda a mais. Mas podemos pensar que a diferença entre ser uma moda passageira e tornar-se um modo de vida que junto a outros possa de fato revolucionar o mundo em que vivemos, é outra coisa que depende de nós³. Uma outra escola terá aqui uma sua nova missão essencial, ou a sua perda completa, em favor do primado da estética, da ética e da política do mercado.

a escolha da partilha solidária

Um dos graves dilemas de uma escolha de uma vida pessoal e interativamente coerente com um projeto social de libertação minha e dos outros, está em que em boa medida algumas disposições conduzidas por preceitos de reciprocidade, partilha a solidariedade permanecem restritas a alguns grupos pequenos e a algumas frágeis e efêmeras redes de “uma outra economia”. No entanto este é o passo seguinte ao da opção por uma vida simples e despojada, em favor da vida e em comunhão com os outros.

Não basta a disposição de consumir menos e possuir o suficiente. Tomada sozinha, esta escolha pode desaguar em uma espécie de renúncia individual ilusória – tanto quanto a “felicidade” consumista do mercado. Apenas troco as minhas posses de materiais por outras, mais intelectuais e mesmo espirituais. Creio que tudo o que escrevo aqui conspira contra desejos solitários de “crescimento espiritual”... desde que os outros não me atrapalhem.

Podemos reaprender a lição simples de possuir pouco e, passo a passo, possuir e consumir em conjunto. Tudo o que passa por nós e flui entre os outros e eu-mesmo, em círculos e redes de entre-nós, poderia passar e fluir em um generoso duplo sentido. Primeiro no sentido quase existencial, quase metafísico de que falei aqui antes mais de uma vez. A experiência de que sou livre quando sou mais do que apenas uma pessoa desapegada. Quando me transformo em uma pessoa que vive o que possui como a experiência de um alguém através de quem as coisas passam entre pessoas sem posses, sem serem retidas individualística e possessivamente.

³ Existem já alguns livros em português sobre o acontecer da simplicidade voluntária. A indicação deles e de muitos outros artigos e notícias pode ser obtida em: <http://www.simplicidadevoluntaria.com>

A segunda pode ser a consequência política e ética da primeira. Se assim é, tudo ou quase tudo o que eu possuo pode ser progressivamente colocado em comum. Pode sair do círculo de “minhas posses”, “meus bens” ou, pior ainda, “meus ganhos” ou “minhas conquistas”, para o circuito dos dons da vida e da cultura que partilho de forma recíproca (porque no fundo tudo são trocas) com as outras pessoas.

Podemos colocar em comum e partilhar com outros os nossos bens, os nossos talentos e os nossos serviços. Podemos tornar disponível o que possuímos e, assim, podemos passar do penoso possuir, reter e acumular para a experiência generosa do partilhar, emprestar, dar e trocar, que nos livra, ao mesmo tempo, do que temos e guardamos para nós, e de nós mesmos, quando nos guardamos para o que temos. E esta é a semente da liberdade. Você já pensou o que poderíamos viver em termos de alargamento de sentimentos e de saberes, se “a minha biblioteca” (com muitos livros que eu jamais lerei) pudesse tornar-se uma “nossa biblioteca”? Se entre-nós inter-trocássemos cada vez mais os nossos livros, revistas e tudo o mais. Estabelecendo a partir daí um fluir de bens que a ninguém empobreceria (a não ser o ego centrado absoluto) e que a todo tornaria tão mais ricos, de tanto entre - possuir em partilha e, não, como posse.

De igual maneira, e em outra direção, o que escrevemos com os olhos postos nos pontos que acumularemos em nossas folhas curriculares, quando publicado (em inglês, de preferência), pode migrar para páginas eletrônicas cada vez mais livres⁴. Até

Assim sendo, a equação dar-receber-retribuir que em Marcel Mauss estaria na criação da própria ordem da vida social, passaria a vigorar entre nós em outros termos⁵. Não mais uma reciprocidade institucional e imposta, mas uma nova maneira de interagirmos fundada integralmente em princípios de partilha, solidariedade e participação. Uma vida onde a reciprocidade deixasse passo a passo a esfera das atitudes interativas obrigatórias, ou cooptadas pela mídia e a

⁴ Na esteira do que tenho aprendido com outras pessoas, estou colocando até o final deste 2010 tudo o que escrevi, entre a antropologia, a educação e a literatura, em um link de LIVRO LIVRE. Que as pessoas se apropriem de antigos e novos textos. Que os leiam e utilizem como lhes parecer bem (e para o bem, se possível). Que aquilo que algum dia foi um “meu livro” seja um apanhado provisório de palavras e de idéias cujo valor não está em haver sido escrito “por mim”, mas em estar sendo partilhado “entre-nos”. Porque o livro que eu escrevi um dia, guardado em uma estante, migra de um momento de cultura viva para um espaço de cultura morta. Mas quando você o abre e lê uma parágrafo que seja, ele retorna por algum momento, através de seu gesto, ao mundo da cultura viva. É seu o dom de reacender e recriar a vida no que eu criei um dia.

⁵ É de Marcel Mauss, um antropólogo francês nascido no século XIX, esta trilogia constituinte do próprio acontecimento humano na Terra. Está em seu longo estudo: *Ensaio sobre a dádiva* (em outras edições: *Ensaio sobre o dom*). Ver bibliografia ao final. Existe um movimento fundado nas idéias de Mauss. Um círculo originado na França e que tomou o nome das iniciais de seu sobrenome. A este respeito, recomendo a leitura do livro de um de seus principais ativistas, Alain Caillé, *Antropologia do dom*. Ver ainda o verbete: *economia do dom*, em *A outra economia*, também indicado na bibliografia.

empresa, e viesse a ser remodelada por inteiro, de modo a fazer parte das escolhas recíprocas de uma vida social pensada em termos inteiramente outros e para os outros.

O que está mais visivelmente ausente no cálculo econômico dos teóricos, e figura no topo da lista dos alvos da guerra comercial segundo os praticantes do mercado, é a enorme área que A. H. Halsey denominou a “economia moral” o compartilhamento familiar de bens e serviços, a ajuda entre vizinhos, a cooperação entre amigos: todos os motivos, impulsos e atos com que se costumamos vínculos e compromissos duradouros entre os seres humanos⁶.

Em uma poderosa contracorrente das incontáveis pequenas e universais experiências antigas e atuais de resistência à colonização de vidas, culturas, comunidades e destinos humanos, aprendemos com o simples correr de nossas próprias existências, que a um tal ponto o poder de mercantilização de pessoas e coisas coloniza nossa vida em todos os planos do cotidiano, que a possibilidade não propriamente de uma saída do comércio e do mercado, mas de os vivermos em termos centrados no ser das pessoas e, não, no possuir das mercadorias (pessoas incluídas), às vezes nos aparece como uma vaga e utópica fantasia.

No entanto este seria o caminho mais humanamente realista. É um primeiro passo nesta direção está no aprendizado de um outro olhar sobre as relações entre as pessoas, sobre as relações entre as pessoas através das coisas, e sobre as relações entre as coisas através das pessoas. Em nome do que e de que projeto de presente e de futuro educar de fato pessoas humanas?

Em nome de algumas idéias e gestos bastante mais viáveis do que imaginamos. Podemos educar pessoas propensas a criarem laços duais (como o laço cliente-terapeuta, por exemplo), grupais, comunitários, em redes e, no limite, nacionais e universais centrados em princípios de trocas e de reciprocidades que não excluem os ganhos pelo trabalho, mas que redimensionam a lógica e a ética das trocas de bens, de serviços e de sentidos. Podemos começar a criar formas solidárias e cooperativas de vida interativa e social interpostas entre nós e a economia de mercado. Podemos incentivar a criação de redes de trocas mútuas, de ajuda recíproca, de oferta-e-demanda. Podemos estabelecer princípios de uma outra ética econômica, pois uma economia solidária é possível e está bem mais em nossas mãos do que imaginamos.

⁶ Zygmunt Bauman, op. Cit. Pg. 89.

Podemos ousar a criação de pequenas unidades de vida solidária que nada têm de amadorismo ou de voluntarismo fantasioso. Antes, ao contrário, elas poderiam ser o embrião de uma outra economia e, por decorrência, de uma outra forma de vida social. Algumas experiências de vida associativa e de unidades e redes de trocas de produtos, ou de consumo solidário estendem-se por toda a parte⁷. Por agora são os agricultores e os pequenos artesãos os que nos têm algo a ensinar, pois eles saíram na frente. Mas agora começamos a nos perguntar se não podemos estender a experiência de trocas recíprocas e solidárias a outras esferas de vida e de trabalho, até o momento em que toda uma vida social alternativa torne real a possibilidade de que venhamos a construir juntos, para habitarmos solidariamente, um “outro mundo possível”.

participação na construção “de um outro mundo possível”

Dentro de um projeto que se imagina emancipatório e onde a palavra libertação fertiliza todas as outras, não devemos nos sentir saindo de mim-mesmo e me abrindo a viver entre-nós, para minorar sofrimentos dos que continuarão sofrendo, ainda que um pouco menos, de acordo com os enunciados da ONU e dos governos. Estamos buscando aqui e ali participar de ações sociais destinadas a gerarem um outro possível mundo de vidas humanas. Estamos trabalhando para construir em nós e em toda a parte cenários de vida de pessoas capazes de se assumirem como criadores de suas próprias vidas, de seus próprios destinos (até onde isto é possível) e de seus próprios mundo de vida (idem).

Quando proponho como passos em direção a um caminho emancipatório algo como a simplicidade voluntária, a partilha de bens e serviços nos termos de uma socioeconomia solidária eles não devem ser compreendidos como gestos em direção a alternativas soladas e assumíveis umas sem as outras, e destinadas a isolar e “salvarem do mercado” apenas algumas pessoas e vidas mais “autênticas” entre “eleitos” e “escolhidos” em um mundo de vida que nega à imensa maioria das mulheres e dos homens uma existência de mínimos vitais. Não quero crer em mais nenhuma Arca de Noé.

Outras formas de viver o saber, o conviver e o agir socialmente não devem ser pensadas e vividas como uma apenas ética pessoal de bons propósito. Desde uma educação também radicalmente alternativa, deveriam ser partilhadas como

⁷ Além das várias unidades sociais de vida associativa, de experiências cooperativas e de partilhas solidárias, há redes que as aproximam. Aqui no Brasil é possível acessar a <http://www.redesolidaria.com>. Alguns livros sobre o tema são essenciais. Entre vários, ver: Paul Singer, *introdução à economia solidária*, Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 1999; Antônio David Cattani, *a outra economia*, VERAZ Editores, Porto Alegre, 2003.

disposições de escolhas de vida dirigidas à participação em todo um projeto local, nacional e universal de criação de outras formas de se viver. Formas de ser e viver para além da criação de algumas pessoas eticamente transformadas e irrepreensíveis. Ao contrário, penso em pessoas educadas para se sentir co-destinadas a construir de fato outras experiências expandíveis e universalizáveis de busca em comum de um mundo sob o primado de princípios, saberes e ações sociais bem distantes dos que regem a economia de mercado e a colonização mercantil da vida humana segundo os termos da globalização neoliberal.

Um longo parágrafo de um dos livros de Marcos Arruda, quando ele escreve, ponto por ponto, algumas transformações que desenhariam a passagem de uma ordem social à outra, merece ser lembrado aqui.

Uma série de redefinições emergem desta reflexão. O ser humano deixa de ser concebido como um indivíduo isolado e em competição permanente com outros, e passa a ser visto como um ser-em-relação, consciente dos desafios comuns a enfrentar e de uma existência comum a compartilhar. O mercado passa a ser visto como uma relação entre agentes sociais conscientes, que deve ter seu espaço limitado pelo interesse público e precisa ser regulado a fim de servir aos objetivos maiores do desenvolvimento social e humano. A economia passa a ser concebida como um subsistema aberto num contexto mais amplo do ecossistema social, responsável por responder às necessidades materiais de cidadãos das sociedades nacional e global de forma justa e sustentável. O trabalho, que para alguns pensadores progressistas (como Jacques Rodin ou Roger Sue) deve, a partir de agora, deixar de ser traço de união social; ao contrário, seria libertado da prisão salarial e passaria a ser valorizado, enquanto práxis comunicativa e criativa, como núcleo do desenvolvimento humano, inaugurando não uma sociedade livre do trabalho, mas uma sociedade do trabalho livre.⁸

⁸ Marcos Arruda, *a nova ética global: crise da ética e da racionalidade*, artigo de **Globalização: desafios socioeconômicos, éticos e educativos**, de Marcos Arruda e Leonardo Boff, pela Editora VOZES, de Petrópolis. Na 2ª edição, de 2000, a citação está na página 44.

compromisso com o povo como sujeito de seu saber e agir

Vivemos agora um tempo em que os descaminhos da ordem social não deixam mais categoria identitária alguma ou classe social alguma de fora. Fora as que o próprio sistema exclui da existência visível da sociedade e da história, por as ver no interior da via de duas mãos do mercado do capital: a da produção e a do consumo. Ora, uma certa generalização de um estado de máximos extremos de desigualdade e de exclusão crescentes em todo o planeta, deveria nos conduzir lembrar que ainda é sobre os pobres e os postos à margem – os “deserdados da Terra” - que o peso da sociedade desigual recai com maior força. Ainda são eles os oprimidos de quem falávamos em outros tempos. E ainda são eles as pessoas e os grupos sociais-testemunho. Ainda é “lá de baixo” que nos chegam os maiores clamores. Mas é também “de lá” que a todo o momento chegam as frentes de luta e de resistência ao mundo que vive, ao mesmo tempo, de seu trabalho e de sua exclusão.

Os movimento sociais populares, como o MST, ou os movimentos de minorias étnicas são e seguirão sendo experiências-guia de todo um trabalho social por onde são iniciados aqui na América Latina e por toda a parte, os enfrentamentos ao neoliberalismo mais conseqüentes. Se olharmos com calma e densidade o que tem acontecido com experiências sociais que em um primeiro momento atuavam distanciadas das causas populares, como aconteceu com as frentes ambientalistas, veremos que pouco a pouco as mais conseqüentes foram se aproximando dos movimentos populares. E, então, sem deixar de atuarem em seus campos originais de ação social, elas redesenharam boa parte de seus princípios e de suas estratégias de presença e participação. E isto representou e tem representado um grande ganho de parte a parte. Vivemos em um mundo em que é ilusório pensar uma “questão ambiental” sem vínculos conectivos com a “questão da terra”. E esta última é, desde muitos e muitos anos, uma questão sempre presente nas causas populares, indígenas e de outras frentes sociais.

Vivemos tempos em que as causas e as frentes de luta e de esperança na construção do novo tornaram-se múltiplas e, em alguns casos, bastante movediças e até mesmo efêmeras. Ainda que sejam muitas as alternativas de participação co-responsável na construção do “outro mundo possível”, uma presença junto aos mais excluídos e junto aos movimentos populares ainda é e seguirá sendo a fonte de empoderamento dos outros movimentos emancipatórios. E a redefinição de vidas pessoais e interativas em termos de uma partilha solidária nos deveria

impelir a um esforço para repensarmos a nossa própria inclusão profissional na vida social.

Creio que isto tem um sentido desafiador para todas as pessoas que de um modo ou de outro trabalham como educadoras, ou como também educadoras. Incluo aqui todas as pessoas que profissional, vocacional ou militantemente estão envolvidas em relacionamentos por onde passam de forma motivada e intensa tipos de trocas de saberes, de valores de vida, de sentidos de destino, de imaginários e de ideários de gestão solidária do presente e de construção de futuros mais justos e igualitários.

Precisamos mais do que seguir vivendo uma experiência profissional inteiramente imersa na rotina do mundo do mercado, reservando pequenas brechas de tempo e de energia (quando sobram) para algum tipo de participação em projetos emancipatórios. Isto é importante e de múltiplas e variadas maneiras envolve dimensões da vida de muitas e de muitos de nós. Mas é toda uma coletiva vida profissional que precisa ser repensada. E em tempos de privatização de quase todos os campos de trabalho e de uma progressiva colonização empresarial até mesmo de unidades de financiamento de ações sociais, ambientais e outras, como iniciativas da sociedade civil, é cada vez mais desafiadora a solução do dilema de como colocar o exercício de nossas profissões a serviço das maiorias excluídas e ,não, a serviço de minorias excludentes.

Em direção divergente da de estudiosos que desconstroem ao mesmo tempo tanto a substância da hegemonia do mundo do mercado, quanto as experiências alternativas que procuram fazer frente a ela, existem aqueles que ao lado da crítica do sistema ousam criar propostas de ações interativas e sociais de sua superação. Uma leitura atenta de críticos do presente e do futuro convoca-nos a darmos um passo além da crítica de nossa realidade.

Cada um a seu modo, essas pessoas nos lembram que talvez nunca como agora tenhamos chegado tão perto de uma promissora emancipação da humanidade, em uma era que se anuncia como “do conhecimento”. Somos senhores da partilha de saberes e de propostas de presente e de futuro que em todas as dimensões poderiam desaguar em uma humanidade livre, solidária, inclusiva, compartilhando uma mesma Terra reverdecida e francamente sustentável. No que toca a educação, para mais além dos seus entraves costumeiros, podemos nos sentir na fronteira de alternativas de transformações profundas e de uma grande significação. Se isto parece não ocorrer nos cenários em que a sua gestão cotidiana parece obrigar a um descompasso grande entre o que seguimos reproduzindo como políticas *de* educação e o que podemos ousar criar como práticas *da* educação, justamente neste campo que como sempre pendula entre a

reiteração da rotina e a ousadia do novo, surgem por toda a parte não apenas novas propostas, mas outras alternativas de suas realizações concretas que certamente mereciam ser levadas mais a sério. Ao longo do mesmo tempo de história em que uma das assembléias da Organização Mundial do Comércio decreta serem a saúde, a previdência e a educação mercadorias entre outras, uma persistente reinvenção de formas de vivermos a prática do ensinar-e-aprender surgem e se multiplicam.

Elas conspiram contra a sociedade líquida de que nos fala Zygmunt Bauman em cada um de seus livros. Conspiram contra o que de modo algum é “um estágio superável do capitalismo”, mas um desvio civilizatório e de realização da experiência humana que não apenas nos ameaça como pessoas, mas ameaça a própria vida no planeta que habitamos.

Acredito que alguns feixes de idéias podem, através do diálogo, fundar e transformar saberes, sentidos e significados atribuídos ao ser humano, à sua vida social e ao seu destino na Terra. Acredito também que toda a educação de algum modo nasce e deságua em algum projeto de presente e futuro, tanto no que respeita uma pessoa, quanto no que tem a ver com uma coletividade. Finalmente, acredito ainda que a razão de ser do educar está em criar pessoas – de crianças a idosos – como seres cuja vida seja, mais do que todas as outras, a maior e mais perfeita experiência de construção de beleza, de bem e de verdade possíveis, pelo menos aqui no planeta Terra. Não somos seres a serem capacitados para ocupar funcional e competitivamente um lugar (“de sucesso”, se possível) no mercado de trabalho, serviços e bens. Somos seres a serem educados para co-habitarem cooperativa e solidariamente partilhados por nós e, em uma dimensão desejadamente ainda mais fecunda e feliz, pelos nossos sucessores.

Um distante país do Himalaia ousa uma mudança de que zombam os economistas oficiais. Mas ela se espalha por todo o mundo e multiplica pessoas que se perguntam: “e porque não pode ser assim?” Ele substituiu o PIB – Produto Interno Bruto que mede em termos do mundo dos negócios toda a “riqueza produzida” em um país, pela FIB. FIB são as iniciais de Felicidade Interna Bruta. Ele mensura qualitativamente graus de realização pessoal e de sentimento pessoal e coletivo de felicidade. Afinal, a que deveria servir o que se produz através do trabalho?⁹

⁹ Recentemente pessoas vindas do Butão estiveram proferindo palestras no Brasil, inclusive na UNICAMP. Outras várias pessoas e outros grupos tratam de repensar a proposta de FIB para outros diferentes contextos. Existem sites. Um deles é: felicidadeinternabruta.com.br.

tornar a cidade... educadora

Existem e também se difundem pelo mundo diferentes experiências de alargar os territórios do aprender-e-ensinar para os mais diferentes cenários de uma cidade, de um município. A idéia de *idades educadoras* soma-se a de outras tantas iniciativas que deveriam ser levadas à escola. E, dela, a todos os recantos da vida onde a aventura do saber seja de algum modo uma vocação essencial de busca humana de... felicidade¹⁰.

A quem esta pareça ser mais uma possível idéia utópica, levada de uma fantasia social ilusória ao mundo da educação, devo lembrar que em diferentes contextos, tanto na Europa quanto aqui mesmo na América Latina, a idéia de recriar a cidade como um múltiplo cenário de espaços-lugares diversos em que diferentes modalidades de vivências do saber através dos mais previsíveis e inesperados diálogos entre categorias de pessoas possam ser com-vividos.

Em nada esta proposta confunde-se com uma pedagogização da vida, ou uma espécie de expansão impositiva da cultura escolar a outros redutos do cotidiano. Antes pelo contrário, trata-se de, em primeiro lugar, libertar a própria educação de seu pedagogismo utilitário que, ele sim, aprisiona a cada dia mais a própria escola entre momentos de um ensino centrado em uma progressiva árida funcionalidade. Um curioso e desalentador exemplo disto é o ver a quantidade de mães de classe média que passam longas horas de suas vidas baldeando filhos e filhas da escola (onde se aprende “para vencer na vida”.) para academias de dança, de canto, de artes plásticas, de cultivos bem menos utilitários e, portanto, bastante mais humano, onde se aprende para viver a vida.

Atividades que foram em um tempo um lugar de intervalo entre a escola e a comunidade. Atividades que migraram deste ponto generoso de “cultivo do corpo e da alma” para academias e outras pequenas empresas particulares de oferta dos serviços que, aqui e ali, através de políticas públicas entre a educação e a cultura,

¹⁰ Temos já aqui no Brasil uma sequência de livros essenciais sobre este tema. Experiências que envolvem desde as idéias originais de uma cidade educadora, como o caso de Porto Alegre, até outras que procuram associar a cidade ou o município educadores a questões ambientais. A partir de seus estudos e de sua participação em experiências do Rio Grande do Sul, a educadora Jaqueline Moll tem sido uma referência essencial sobre o tema. Ver seu livro: *histórias de vida, histórias de escola – elementos para uma pedagogia da cidade*. Também o Instituto Paulo Freire tem trabalhado o tema com uma relevância crescente. Pelo menos dois livros dele merecem ser conhecidos: *Cidade educadora – princípios e experiências*, coordenado por Moacir Gadotti, e *Cidade educadora – experiências de Porto Alegre*. Sobre este tema escrevi dois livros. Um deles para o Ministério do MeioAmbiente: *Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos*. O outro pretendendo ser uma retradução do primeiro, com algumas ampliações antropológicas do tema: *Minha Casa, o mundo*.

são de novo devolvidas a seus antigos redutos de prática gratuita, e às praças e outros logradouros públicos de onde nunca deveriam ter saído.

As cidades educadoras sonham, em boa medida, este resgate não restritivamente *pedagógico*, repito, mas *educador*, no sentido mais ousado e desmesurado possível. Se alguma geração próxima ou vindoura com o tempo puder haver aprendido a gastar horas de seus momentos entre o pôr-do-sol e a noite envolvida com criar arte (corais, orquestras, oficinas de danças e desenho), pensamento, festa e outras tantas formas de interação em que pessoas se reencontram como atores-autores de suas vidas, ao invés de se deixarem ficar, entre entediados e rotinizados diante de algo semelhante a um “reality show” – em que outros, distantes e submetíveis a mortes simbólicas em paredões aos quais os condenamos eletronicamente - uma boa parte do que se ousa sonhar aqui terá começado a ser realidade. Imagino que uma humana e feliz utopia tornada uma realidade humanamente vivida e partilhada.

Bibliografia

ARRUDA, Marcos

Humanizar o infra-humano – a formação do ser humano integral: homo evolutivo, práxis e economia solidária.

2003, Editora VOZES, Petrópolis,

ARRUDA, Marcos

Tornar o real possível – a formação do ser humano integral: economia solidária, desenvolvimento e o futuro do trabalho

2006, Editora Vozes, Petrópolis

ARRUDA, Marcos

Educação para uma economia do amor

2009, Editora Idéias e Letras, Aparecida

ARRUDA, Marcos e BOFF, Leonardo

Globalização: desafios socioeconômicos, éticos e educativos

2001, Editora VOZES, de Petrópolis

BAUMAM, Zigmunt

Amor líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos

2004, Zahar Editora, Rio de Janeiro

BRANDÃO, Carlos Rodrigues

Aqui é onde eu mor, aqui nós vivemos – escritos para conhecer, pensar e praticar o município educador sustentável

2005 (2ª edição) Ministério do Meio Ambiente, Brasília

BRANDÃO, Carlos Rodrigues

Minha casa, o mundo

2008, Editora Idéias e Letras, Aparecida

BRANDÃO, Carlos Rodrigues

A canção das sete cores – educando para a paz

2003, Editora Contexto, São Paulo

BRANDÃO, Raul

Se tivesse que recomeçar a vida,

1995, Brevíssima Portuguesa, Lisboa

BUBER, Martin

Eu e Tu

s/d, Editora Centauro, São Paulo

CAILLÉ, Alain.

Antropologia do dom

2002, Editora Vozes, Petrópolis

CATANI, Antônio David

a outra economia,

2003, VERAZ Editores, Porto Alegre

CHARLOT, Bernard

Da relação com o saber – elementos para uma teoria

2000, Editora Artmed, de Porto Alegre

DELORS, JAQCUES

Educação – um tesouro a descobrir

1999, Editora Cortez/MEC/UNESCO, São Paulo

GADOTTI, Moacir (org)

Cidade educadora – princípios e experiências

2008, Editora Cortez/Instituto Paulo Freire, São Paulo

GADOTTI, Moacir

Cidade educadora – experiências de Porto Alegre

MAUSS, Marcel

Ensaio sobre a dádiva

in: Sociologia e antropologia

2003, Cosac e Nayfy, São Paulo

MOLL, Jaqueline

Histórias de vida, histórias de escola – elementos para uma pedagogia da cidade

SANTOS, Boaventura de Souza

Pela mão de Alice – o social e o político na pós-modernidade

2000, Cortez Editora, São Paulo

SANTOS, Boaventura de Souza

Um discurso sobre a ciência

2001, Editora Afrontamento, Porto, (12ª ed.)

SINGER, Paul

Introdução à economia solidária

1999, Fundação Perseu Abramo, São Paulo

WANDRELEY, Luiz Eduardo

Educação Popular – metamorfoses e veredas

2010, Editora Cortez, São Paulo

Rosa dos Ventos – Caldas – Sul de Minas
Inverno de 2010

